

## SEVERO D´ACELINO E A DEFESA DA CULTURA NEGRA SERGIPANA

Adriane de Jesus Santos<sup>1</sup>

Magno Francisco de Jesus Santos<sup>2</sup>

### RESUMO:

O artigo em questão pretende mostrar a realidade da cultura negra sergipana e as principais contribuições através da trajetória de vida de Severo D´Acelino, o qual acendeu chama da valorização e do respeito à cultura negra sergipana. O perfil biográfico do autor é apontado como uma amostra verídica que o racismo, a discriminação e o preconceito racial são, ainda, muito fortes em Sergipe. Qual a melhor maneira da escola contribuir para a diminuição do racismo, preconceito, discriminação? De quem é a obrigação de tornarem seres humanos em seres pensantes e reflexivos? Como valorizar a cultura sergipana sem negar sua origem? Só a educação poderá esclarecer a todos, sobretudo aos brancos, que estamos ainda aculturados de experiências e problemas vividos no passado histórico e que é preciso reler reflexivamente a realidade, eliminando os estereótipos negativos ao negro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Severo D´Acelino, Cultura negra, Racismo.

**ABSTRACT:** The article in question is intended to show the reality of Sergipe black culture and major contributions through the life trajectory of Severus D'Acelino, which sparked calls of appreciation and respect for black culture Sergipe. The biographical profile of the author is touted as a true sample that racism, discrimination and racial prejudice are still very strong in Sergipe. What better way school contribute to the reduction of racism, prejudice, discrimination? Who is obliged to make being human beings in thinking and reflective? How to value the Sergipe culture without denying its origin? Only education can clarify to all, especially the whites, we are still acculturated experiences and problems experienced on past history and what it takes to reread reflexively reality, eliminating the negative black stereotypes.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo.

<sup>2</sup> Orientador. Professor Titular da Faculdade Pio Décimo. Doutor em História pela UFF.

KEYWORDS: Severe D'Acelino, Black Culture, Racism.

O Brasil é um país construído por varias culturas, mas nenhuma é tão negada, marginalizada e inferiorizada como a cultura negra. Ser negro aqui no Brasil é superar diariamente preconceitos e discriminação que parte de uma classe considerada superior. Um povo que ainda se considera branco puro, e assim, a elite dominante, mesmo sabendo do contexto cultura de miscigenação, ignora. Será que a cor da pele define o nível social, cultural e intelectual de um povo ou de um país? Uma boa forma de encarar a realidade da cultura brasileira é entendendo que não se trata apenas de uma etnia isolada, mas um conjunto formado pela construção social, histórica, cultural e principalmente da troca de valores de três etnias: negra, indígena e branca, desde o “achamento” até os dias atuais.

Página | 50

O intelectual José Severo D´Acelino é um cidadão sergipano que sentiu, desde muito cedo o sabor amargo da discriminação, do preconceito e da caça direcionada aos negros pela força de classes “superiores”. Por ser pobre e negro foi e é discriminado racialmente, não pela posição socioeconômica, mas por ter pele escura, o nariz achatado e cabelo “duro”, características físicas que constroem o conceito do ser negro. Infelizmente inferiorizado por não atender a estética europeia ou os padrões de beleza estipulados. Todo negro brasileiro representa os traços de sua origem. Assim, D´Acelino, que se autointitula descendente da etnia nagô, negro brasileiro que buscou fazer diferente enquanto ser humano, lutando pela igualdade racial, social e de direitos dos afrodescendentes.

Minha luta no âmbito do Movimento Negro, que iniciou desde Direitos Civis, pela plena Cidadania, contra o Racismo e as Discriminações e, sobretudo, pela Revitalização Cultural através da Educação. Não é por obrigação, por favor ou dever. É uma opção, em defesa de minha raça, vilipendiada com grande contingente de indivíduos descomprometidos da nossa condição, enquanto negros espoliados e excluídos do espaço de poder e só lembrado para execuções de tarefas e nunca para participar das decisões.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Severo D´Acelino, *Racismo nas Escolas e Educação em Sergipe*, Aracaju, Ed. MemoriAfro, 1998, p.13.



Figura 1: Severo D'Acelino. Fonte: Site educar-se.com

Ex- Marinheiro, Severo D'Acelino foi motivado por seu contexto histórico e social a fundar o Movimento Negro contemporâneo de Sergipe em 1968, da Bahia em 1973 e de Alagoas em 1980. Iniciando uma luta contra o racismo, a discriminação, a desigualdade de oportunidades e o desinteresse do governo aliado ao dos professores. Seu trabalho concentra diversificadas ações direcionadas a dar visibilidade à cultura afrodescendente e a memória do negro sergipano, através de projetos educacionais, manifestos sociais, políticos, religiosos, culturais e artísticos, pela pesquisa, seminários, palestras, debates, entrevistas, denúncias e outras formas. Todas essas ações buscam reparar as diversas lacunas e injustiças existentes as mais de cinco séculos, resgatando um pouco da autoestima e da capacidade de intervenção social dos negros como um sujeito que pensa como tal e como cidadão brasileiro.

De acordo com as informações do censo 2010 realizado pelo IBGE<sup>4</sup> o Estado de Sergipe possui cerca de 68,6% de pardos, 3,8% de pretos, 27,4% de brancos e de cor amarela ou indígena é de 0,2%. Basta observar para compreender que Sergipe possui 87% de afrodescendentes, apesar das pessoas não reconhecerem o mulato, o pardo e o sarará como tal, os negros representam o maior contingente populacional do Brasil. Portanto, não deveria haver tanta discriminação, preconceito, exclusão social no Estado de Sergipe se nós, negros descendentes, nos enxergássemos como um contingente populacional significativo e participante das decisões e ações governamentais.

---

<sup>4</sup> Segundo dados do IBGE( Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/> . Acesso em 08 de setembro de 2013.

Segundo D'Acelino, existe uma ideologia da indivisibilidade do negro, gerada pela ideologia do branqueamento vigente na educação sergipana. Posso destacar aqui um fato, que o maior sistema de dominação racista já criado foi a Escola, com um forte currículo oculto e eurocêntrico, com a mesma estrutura social recebida de Portugal e mantida até hoje pela classe dominante, mascarando sua real intenção de dominação e poder. Historicamente, ensina-se ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo. Como construir uma identidade negra positiva em uma sociedade dominada pela ideologia do branqueamento? É um desafio que Severo e negros brasileiros veem enfrentando.

Professor.

Cadê nossa Cultura?

Onde estão os nossos Líderes e Heróis?

Nossa Arte, Literatura, Religião, História, Filosofia, Tradições, Ciência, Técnica de subsistência?

E nossas manifestações?

A Cultura Negra está na:

História- Geografia- Ciência- Química- Linguagem- Estudos Sociais- Matemática- Desenho- Religião- Artes, etc.

Vamos respeitar os princípios **Conselho Estadual de Educação** e a Constituição do nosso País e Estado, para promover a melhor Diretriz e Base da Educação Nacional exorcizando o fantasma das **Desigualdades, Racismo e Discriminações** do nosso meio e qualificar a nossa formação.

Lembre-se que Educação é o processo de tratamento da herança cultural de que **somos 87% da população do Estado**.

Povo sem história é povo sem Nação.

Lutar pela Cidadania é estreitar os laços da nacionalidade na Identidade Cultural de nossa gente é função de todos nós.

NEGROS: Pretos- Mulato e Pardo, na Marca e Origem.<sup>5</sup>

Esse apelo citado acima, é uma narrativa de D'Acelino na voz do consolidado Herói Negro sergipano, João Mulungu, ao Projeto “João Mulungu vai às Escolas” que se arrasta desde os anos 70. Em 2004, o Projeto saiu do papel com auxílio da lei 10.639/03, na busca de incluir a Cultura Afrodescendente no currículo escolar. O criador e coordenador do projeto, Severo D'Acelino consagra João Mulungu e foi o estimulador da introdução à cultura afro-indígena em todas as grades curriculares do Estado. O Projeto Cultural de Educação na sua última edição atingiu 48.789 mil participantes em 16 municípios da zona sul e foi politicamente retirado, segundo Severo D'Acelino.

---

<sup>5</sup> Severo D'Acelino, *Racismo nas Escolas e Educação em Sergipe*, Aracaju, Ed. MemoriAfro, 1998, p.20.

Portanto, este artigo tem a pretensão de reconhecer a contribuição dada à cultura afro-sergipana pelo intelectual Severo D´Acelino na luta contra os preconceitos, discriminações e o racismo ao negro, desenvolvendo uma releitura crítica-reflexiva do contexto histórico dos afrodescendentes através de uma pedagogia afirmativa. Entender as atividades de Severo D´Acelino em Sergipe é adentrar na História, na memória dos movimentos sociais do Estado e colaborar na desconstrução dos estereótipos negativos com relação aos negros.

Nascido em Aracaju no ano de 1947 em 01 de Outubro, entre os vinte e um filhos, era o caçula, de Acelino Severo dos Santos e Odília Eliza da Conceição. José Severo D´Acelino traz no sangue o DNA de sua avó, Mãe Eliza de Aiyrá, última descendente escrava da família, do ramo nagô, considerada a maior Iyalorisha de Sergipe (1886-1978). O bairro Siqueira Campos sempre foi o local de residência de D´Acelino, quando criança brincava na rua com outras crianças do bairro e recorda incomodar os vizinhos. Teve uma infância pobre, porém saudável e muito feliz. Iniciou seus estudos no jardim de infância no próprio bairro e era para concluir aos sete anos de idade, porém saiu com seis anos, porque já estava muito alto e destonava das outras crianças.

Por ser o filho caçula de uma família extensa, “mandava” em casa, fazia o que queria e sempre recebeu apoio familiar para tudo que precisou fazer. Adolescente alistou-se na Marinha. Entrando para a corporação marítima em 1961, teve um choque de realidade social, motivado pelas experiências sociais vividas como marinheiro.

A Marinha ela é uma corporação que possibilita o universo pra você. Então ela não aponta, ela não faz nada, simplesmente ela lhe coloca o mundo e as questões diante de você... De porto em porto e de Estado em Estado, mim formei na Bahia: caldeirão de acontecimentos. Do Rio de Janeiro para a região sul... E também os acontecimentos políticos da época... Em Santa Catarina, eu mim deparei com uma comunidade que fazia reivindicações por seus direitos, no morro do Mocotó... lá no morro do Mocotó éramos convidados para tomar cachaça e tinha que ter bagunça, se não tiver-se bagunça, não valia. Ai vinha à cavalaria e botava a gente pra correr... foi minha primeira experiência de enfrentamento policial...também tinha a questão de não poder entrar nos clubes sociais... tinha lá um clube “6” que era para negros, clube “8” dos mulatos e o clube dos brancos... a gente em grupo...quatro podiam entrar e doze não. Ou entrava todos ou não entrava ninguém... A gente invadia, ai chamavam a polícia... Foi então que comecei mim

envolvendo com as questões que eles discutiam lá. Até então nunca tive interesse pelas questões políticas sociais.<sup>6</sup>

Severo D'Acelino foi reformado da corporação marítima por problemas neurológicos, ficou internado em hospital psiquiátrico durante dois anos. Logo, depois foi aposentado. Quando saiu do hospital, retornou a Aracaju e continuou os estudos, foi no Colégio Presidente Vargas que ele se descobriu enquanto negro, pessoa humana, cidadão sergipano e brasileiro, responsável por uma mudança social, mudança de atitude e de opinião. Teve vários professores que o influenciou fortemente na construção do contexto afrodescendente: Valdir dos Anjos, Professora Célia e especialmente o Professor José Antônio da Costa Melo, sendo o provocador e incentivador de D'Acelino para que ele defende-se sua a “raça”, luta-se contra a discriminação racial e todas as questões e condições que envolvessem o negro sergipano brasileiro.

Em 18 de Outubro de 1968, Severo D'Acelino se tornou precursor do movimento negro em Sergipe, ao criar o Grupo Regional de Folclore e Artes Cênicas Amadorista Castro Alves (GRFACACA) em Sergipe, e posteriormente, Casa de Cultura Afro-sergipana, que desenvolvia ações de artes, poesia, debates e encenação teatral, reunia mais de 400 adolescentes com idades entre, oito a vinte um anos. Com o advento da revolução, o grupo (GRFACACA) levava os debates para as escolas públicas, a princípio eram bem recebidos depois que a ideologia e união de luta por um Brasil melhor ficou forte, os professores já não viam com bons olhos, chamando-os de bagunceiros e “fazedores de caso”.

Naquele mesmo período o país tinha muitos outros movimentos negros. O golpe militar de 1964 representou uma derrota, ainda que temporária. Ele desarticulou uma coalizão de forças que resultava no enfrentamento do “preconceito de cor” no país.<sup>7</sup>

Como consequência, os movimentos negros brasileiros entraram em refluxo. Seus militantes eram estigmatizados e acusados pelos militares de criar um problema que supostamente não existia, o racismo no Brasil. Assim como os militares, as elites viam as acusações feitas pelos movimentos negros como uma afronta ao caráter nacional. Daí seus ativistas eram apontados como “impatrióticos”, “racistas” e

---

<sup>6</sup> Severo D'Acelino, *entrevista concedida a Adriane Santos, Aracaju, 15 de setembro 2013.*

<sup>7</sup> DOMINGUES, 2009, p.111

“imitadores” dos negros que lutavam pelos direitos civis nos Estados Unidos. A partir daí o (GRFACACA) passou pelo mesmo processo de discriminação e acusação em Sergipe.

O trabalho de Severo D´Acelino começou pelo contexto histórico da época e sua proposta era conscientizar professores e alunos sobre a importância da inclusão dos negros na sociedade sergipana, expandindo conhecimentos sobre a História dos negros, a longa trajetória de opressão e de injustiças sofridas, explicando a necessidade urgente da efetivação de ações inclusivas para o verdadeiro exercício da cidadania plena. Trazia ações históricas para a realidade, através de coreografia e atividades teatrais discutindo a questão do racismo e da valorização da cultura afro-brasileira.

Com o Movimento Negro, D´Acelino percorre por diversas temáticas, descobrindo suas habilidades e as utilizando como metodologias para tratar dos assuntos ligados ao negro, assim tornou-se: poeta, dramaturgo, ator, compositor, contista, pesquisador, conferencista, coreógrafo, diretor de cinema e teatro, ativista negro, folclorista, professor polivalente, administrador de empresas, conselheiro, agente cultural e escritor.

Foi egresso das universidades federais UFS (Universidade Federal de Sergipe), UFBA (Universidade Federal da Bahia), onde estudou Teatro e Estudos Sociais e da Faculdade de Filosofia de Sergipe (local, hoje, onde funciona o IPES), mas não concluiu nenhum curso por diversos motivos.

Sua introdução ao cinema foi através de Djaldino Mota Moreno, que fazia um trabalho de cinema em Aracaju chamado “Clube de cinema”. Convidou Severo D´Acelino para fazer seminários que envolvia a cultura negra, incentivando-o na interpretação do herói sergipano, João Mulungu. D´Acelino fez mais de vinte seminários por todo o estado e por já ter muitas experiências acadêmica, cultural, intelectual e social retornou na Bahia para cursar a faculdade de Diretor teatral em Salvador. Mas não demorou muito no curso, fora convidado para ser protagonista do filme internacional “Chico Rey” de Walter Lima Junior, que mais tarde, tornou um seriado aqui no Brasil.

O filme “Chico Rey” de 1985, foi baseado em poesias de Cecília Meireles e na tradição oral mineira bem como na memória do negro brasileiro. As filmagens

começaram em 1979, ocorreram em Ouro Preto, em Minas Gerais e em Paraty, no Rio de Janeiro. D´Acelino caiu de bandeja para a participação do filme, pois possuía traços parecidos com o verdadeiro Galanga Gonguemba Iybiala Chana, conhecido por “Chico Rey” e que sua participação foi acidental, afirma Severo D´Acelino. Mas seu currículo cinematográfico não parou, participou de mais um filme “Espelho d´água” em 2004 como Candelário e do Seriado “Tereza Batista cansada de guerra” como Alfredão, na rede globo de televisão.

Com diretor de teatro e cinema, dirigiu Navio Negreiro, Vozes D´África, De Como Revisar Um Marido Oscar, Terra Poeira In Cantus, Algemas Partidas, Save Our Sur, Dança Dos Inkices D´Angola, Água De Oxalá, Iybó Iná Iyé, Suíte Nagô. Produziu e dirigiu o documentário etnográfico Filhos de Obá, apresentado no congresso Internacional de Culturas Negras das Américas, África e Caribe.<sup>8</sup>

Da década de 70 do século XX para cá, com a abertura da democracia no Brasil e conseqüentemente com os olhos voltados para um contexto político e cultural mais suscetível a questionamentos, os intelectuais afro-brasileiros buscaram no país um espaço de expressão voltado para uma representação de valorização da cultura negra nas discussões sobre cultura, expressões artísticas, comunicação e formação de identidades. A dinâmica das trocas culturais baseadas na negociação dos contatos culturais entre negros, brancos e índios, traduziriam alterações significativas no processo civilizatório ocidental.<sup>9</sup>

De acordo com Rosemere da Silva, após o período da Ditadura Militar, muitas pessoas começaram a interessa-se pelo contexto cultural e social dos afrodescendentes e seus intelectuais, forçando o Brasil para uma visão de realidade e um reconhecimento de seu povo. Na busca construtiva de identidade do povo negro, através das diversas formas de representações artísticas, Severo D´Acelino ganhou força, aliados e muitos inimigos de Poder. Mas como todo negro é ozado. “Lutar contra as adversidades é uma tarefa de inteligência e precisa de múltiplas estratégias para sobreviver e passar por cima das retaliações e dos ciúmes pessoais e coletivos”.<sup>10</sup> D´Acelino não deixou de participar nem de criar muitos outros meios de discussões, comunicações e expressões que permitisse a inclusão da cultura do negro na sociedade contemporânea.

---

<sup>8</sup> Severo D´Acelino, *Racismo nas Escolas e Educação em Sergipe*, Aracaju, Ed. MemoriAfro, 1998, p.70.

<sup>9</sup> Rosemere Ferreira da Siva, Severo D´Acelino e a produção textual afro-brasileira. *Revista África e Africanidades*- Ano I- n. 1- Maio de 2008.

<sup>10</sup> Severo D´Acelino, (autobiografia), p. 03

Autor de vários projetos educacionais para inclusão da Cultura Negra nas grades curriculares do ensino fundamental e médio do Estado de Sergipe. Atualmente, com a lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que altera a lei 9394/96/Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Essa nova lei inseri no currículo oficial dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, público e privado, a obrigatoriedade do ensino da “história e cultura afro-brasileira”.

Vale ressaltar as atividades desenvolvidas no campo da educação, nas áreas das escolas de níveis fundamental e médio, faculdades, quartéis militares, associações, repartições públicas, empresas privadas, entidades negras, abordando temas sociais, políticos, culturais, econômicos, jurídicos, e ações no legislativo salientando as manifestações em defesa dos Direitos Civis, a luta constante contra o Racismo e as Discriminações, em pesquisas constante a revitalização cultural do coletivo negro ao equilíbrio das ações em busca de inclusão social e satisfação das igualdades de oportunidades no campo da educação, saúde, segurança, emprego e moradia numa constante formulação de cidadania. A Entidade busca agir em setores básicos da sociedade assinalando os desvios e sobretudo as ações negativas que visam cristalizar as violações de direitos e neste sentido age em incursões itinerantes nas Escolas, Comunidades Rurais e Urbanas, reforçando os esforços das demais organizações numa ação de parceria e ou de confronto com o Estado e seus agente equivocados.<sup>11</sup>

Muitos professores desconhecem ou fazem vista grossa para a vigência da Lei 10.639/03 e a sua obrigatoriedade. Não dão importância e muitos dizem não saber trabalhar o tema.

Durante quase 45 anos de trabalho em torno das questões políticas e educacionais direcionadas a causa do negro, em 2004, Severo D´Acelino criou o projeto cultural de educação mais importante para a inclusão da cultura negra sergipana, “João Mulungu vai às escolas” com o auxílio da lei 10.639. Esse projeto difundiu nas escolas públicas a importância do negro e suas culturas na formação da cultura sergipana, através da cultura local e para tanto produziu diversos cadernos pedagógicos sobre o tema e outros cadernos de diversidade etno históricos e culturais, dando ênfase ao negro e índio.

O projeto de educação cultural “João Mulungu vai às Escolas” é um projeto extremamente vitorioso. Sergipe é o único local no Brasil que

---

<sup>11</sup> Severo D´Acelino, *Ações de Severo*, Disponível em: <https://sites.google.com/site/severodacelino/a%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em 13 set. 2013 as 10:28h.

existe esse tipo de projeto só que não tem o respaldo do governador do Estado [...] Eu sempre começo a aula perguntando quem é negro. Às vezes eles ficam se olhando sem falar nada, para mim isso já é uma resposta [...] É lamentável porque a gente entende que o governador é negro, mas ele não se assume como negro, não se reconhece como negro. O governo trata a comunidade como uma coisa só. O resultado é que os negros acabam sendo tratados desigualmente, tendo em vista que existe a desigualdade racial.<sup>12</sup>

João Mulungu é o nome de um legendário quilombola que, segundo os registros memorialísticos, notabilizou-se pela combatividade na luta contra a opressão escravista em Sergipe no século XIX. Sua trajetória foi adotada como símbolo de resistência por parte de um setor do movimento negro, particularmente pela Casa de Cultura Afro-Sergipana, que conseguiu chamar a atenção dos poderes públicos, a ponto de a Câmara de Vereadores de Aracaju ter outorgado a João Mulungu o título de herói negro, em 1992.

O projeto “João Mulungu vai à escola” não durou muito tempo ativo, questões ligadas ao poder político, tirou esse projeto das escolas. Mas Severo D’Acelino continuou a luta pela inclusão positiva da cultura negra na realidade escolar dos sergipanos. Anos antes do projeto “João Mulungu vai à escola” Severo D’Acelino editou o jornal Identidades, considerado um dos principais veículos de comunicação pensado para divulgar as grandes contribuições dos pesquisadores e intelectuais sobre a cultura negra. Atualmente D’Acelino tem as redes sociais, blogger e sites como principais meios de comunicação para expressar suas ideias e ideais no contexto de abordagem que envolva o negro/ afrodescendente e/ou indígena.

São incansáveis ações do intelectual D’Acelino para a transformação da sociedade contemporaneamente moderna justa para todos. Então buscou na literatura outro meio de inclusão, lançando um livro de poemas, Panáfrica África Iya N’la.

O início do livro Panáfrica África Iya N’la é remóido por críticas de autoridades, jornalistas, historiadores, professores, pesquisadores e escritores sobre a obra e autor. Essas críticas acrescentam um real valor ao livro e ao autor, pois mostram a trajetória do trabalho desenvolvido por Severo D’Acelino que fortalece a identidade afro-brasileira.

O livro é dividido por três manifestos, o primeiro corresponde ao sentido de “Panáfrica” que é a preservação de uma memória pronta a ser ativada na reconstrução

---

<sup>12</sup>Severo D’ Acelino, em entrevista com Iracema Corso. 2005 Disponível em: <http://www.institutoecriando.org.br/ler.asp?id=5219&titulo=Noticias>. Acesso em 16 set. 2013 as 15:11h.

do arquivo cultural e humano, no qual as expectativas do grupo étnico- racial sejam usadas para mostrar que existem culturas diferentes, não menos importantes que outras.

O poema de abertura do primeiro manifesto é “Rito de abertura, saudação a Exu”. O autor segue a tradição do cambomblé no Brasil o Orixá sempre convocado á abertura de trabalhos é Exu.

A abertura do segundo manifesto é o poema “Panáfrica”, um poema que conta como nasce a cidade de Laranjeiras, povoada de negros trazidos de vários lugares da África com culturas diferentes, mas com o tempo modificam e tornam brasileiros sergipanos.

Laranjeiras, Eira  
Mulata velha  
Raiz de Congo  
Bantu cultura  
Gongá.  
África recriada  
Nascida brasileira  
Sergipana.  
Negros, galineas  
Guineanos, da costa  
Marfim, na cana  
Canavial, tangidos  
Trazidos tumbeiros  
Porto, a Porto  
Terra, a Terra  
Caminhos batidos  
Corridos  
Lutas quilombos  
Liberdade<sup>13</sup>  
[...]

O terceiro manifesto que conclui o livro trazendo o poema “Saga de João Mulungu” contando a trajetória desse consolidado herói negro sergipano. Severo D´Acelino deixa muito transparente nesse livro a felicidade de ser negro brasileiro sergipano com seus costumes e raízes profundamente africanas.

O sangue e a  
Ancestralidade  
Não há como negar  
Não há como recuar  
Não há como recusar  
Nos eleva a identifica.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> D´ACELINO, 2002, p.87

<sup>14</sup> D´ACELINO, 2002, p.174

Severo D´Acelino reúne mais de 50 livros iniciados, porém poucos concluídos. O livro mais recente é *Mariow o terreiro de BA Emiliana* (2008), uma dedicatória a sua irmã mais velha, Maria Emilia dos Santos carinhosamente “Bibi”, que muito contribuiu para a trajetória histórica de seu irmão mais novo. D´Acelino em breves palavras relata a história de “Bibi”, falando da sua infância e do início precoce no mercado de trabalho. Conta do seu envolvimento nas ações da igreja e sua notável liderança na comunidade, buscando ajudar e contribuir com todos que a procurasse ou que necessitassem de ajuda. Severo D´Acelino define sua amada e eterna irmã “Bibi”, assim: [...] “Mulher extrovertida, amiga, acolhedora, ríspida, intolerante, dominadora, meiga, autoritária, chorona, empreendedora. Uma mulher capaz de se excluir para incluir os outros”. [...]

Hoje o povo sergipano desconhece quem seja Severo D´Acelino e as ações enfrentadas por ele, não sendo lembrado nem reconhecido. Um negro que luta desde muito cedo por questões sociais, culturais e políticas na busca do reconhecimento, da valorização e do respeito para o povo negro sergipano. Qual o caminho para o reconhecimento de Severo D´Acelino pelas contribuições prestadas ao negro? Quem é o responsável de tornar isso público? Onde está o erro? Por que somente após a morte é que os intelectuais são reconhecidos com importante para a sociedade, quando nada mais podem fazer?

Eu acho que a grande figura do movimento negro em Sergipe, quem começa a chamar a atenção é Severo D´Acelino- José Severo dos Santos, quando funda o instituto de cultura negra ligada ao grupo regional de folclore e artes cênicas amadorísticas Castro Alves. Tanto é presente não apenas pelas suas publicações, pelas suas palestras, mas pela sua luta na imprensa denunciando a discriminação, denunciando o racismo e por ser ele que propõe o reconhecimento do único Terreiro em Sergipe que foi reconhecido como patrimônio cultural sergipano que é o Terreiro Filhos de Obá em Laranjeiras que é o segundo do Brasil. O primeiro foi o da Casa Branca em Salvador e o segundo o de Sergipe em Laranjeira.[...] O Governo do Estado reconheceu a Taieira e o São Gonçalo como patrimônio cultural sergipano a partir de uma proposta de Severo quando esteve no conselho estadual de cultura. E também como o processo que está em andamento, eu acredito que até o final do ano possa ser concretizados o reconhecimento de algumas marcas culturais na região do quilombo do mocambo em Porto da Folha. <sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Luiz Fernando Ribeiro Soutelo, *entrevista concedida a Adriane Santos, Aracaju, 18 de novembro 2013.*

Percebem-se os diversos aspectos históricos culturais trazidos para a realidade através das manifestações de D´Acelino, assim como o Conselheiro Estadual de Cultura de Sergipe Luiz Fernando Ribeiro Soutelo afirma, que Severo D´Acelino contribuiu significativamente para a valorização e o reconhecimento de uma cultura negra esquecida.

Será o caminho mais correto começar repensando, discutindo, trazendo a público as questões que envolvem negros, brancos e índios interligados nas questões sociais, com os problemas enfrentados dia-a-dia, com o racismo aos negros, o preconceito, a discriminação pela estética afrodescendente? Será que existe mesmo alguma pessoa racista? Pois quando perguntamos se a pessoa é racista, a própria nega. Ou apenas responde que todos nos somos. Será que realmente somos o estado mais racista do Brasil, como afirma D´Acelino? Onde está inserida a verdade do racismo? Quem é melhor, negro ou branco? É possível responder? Vamos lutar contra a discriminação e preconceito? Ou é melhor lutar pela igualdade de direitos sem distinção de cor? As identidades do afrodescendente contemporâneo não podem ser entendidas sem que haja recorrência ao seu passado histórico, como aponta Ribeiro Soutelo:

Como no resto do país, na região nordeste, como em outras regiões a presença do negro é marcante por uma serie de traços culturais que eles deixaram na sociedade brasileira, não apenas as manifestações da cultura em material, nomes de lugares, nomes geográficos, a própria culinária, a indumentária. [...] embora a sociedade não reconheça esses valores dos negros. Por exemplo: em determinado momento da vida sergipana Japarutuba, por exemplo, tinha mais negros do que brancos, está apontado num trabalho de Luiz Antônio Barreto sobre Japarutuba, a população negra era muito mais presente do que a população branca. Nós somos racista, somos. Luiz Antônio Barreto dizia que proporcionalmente Sergipe é o estado mais negro do Brasil. [...] que somos racistas somos, muitas vezes disfarçados, mas somos racistas. [...] Ser negro no Brasil é reconhecer o patrimônio cultural, defender suas raízes e também lutar pela transformação da sociedade brasileira. [...] e discordo que os negros sejam mais racistas do que os brancos, eles apenas se defendem, pois já sofreram muito.<sup>16</sup>

Ribeiro Soutelo afirma que os negros se defendem quando agem racistamente. Mas não é o momento de agir, ao invés de se defender? Compreender que a cidadania não é apenas um jogo de convivência e que não existe cidadania fora da historia, muito

---

<sup>16</sup> Luiz Fernando Ribeiro Soutelo atual Conselheiro Estadual de cultura, *entrevista concedida a Adriane Santos, Aracaju, 18 de novembro 2013.*

menos da cultura. Os negros agem racistamente porque produzem o que aprenderam, é a sedimentação da consciência, através da ocupação histórica, até os dias atuais. Como mudar algo histórico?

A mudança é preciso e necessária, mas só à escola terá essa força, usando seus discursos demagógicos, não para confundir ainda mais os cidadãos, mas para mostrar que estamos ainda aculturados de experiências e problemas vividos no passado histórico, transmitindo uma imagem de medo, de espanto e de silêncio. Por isso é tão importante que o currículo e seus professores, como todo o segmento escolar seja reformulado para essa releitura histórico cultural afrodescendente. Isso reforça a ideia que a cultura pode e deve ser entendida através do conhecimento e influências ideológicas do convívio escolar, como afirma Aglaé Fontes:

Tudo que agente é, é produto dessa mistura de etnias. Tem horas que agente é indígena, tem outras horas que agente é africano. No mundo da moda, no uso das cores agente é África pura e quando usamos colar somos indígenas. Pode ser um país estranho? Não, é um país místico. [...] poucas pessoas compreendem, mas precisamos continuar dizendo. A escola mesmo é preconceituosa, não há divisão dentro do currículo escolar. [...] Mas preconceito não acaba num instante, não é? Então tem que aliar a escola que é fundamental com os livros, tem ter livros que falem dessa cultura com a mesma reverência que se fala da cultura ibérica. Muitas foram às contribuições dos negros em vários aspectos: na fala, nos poemas, na culinária, na indumentária, na música. [...] Na fala da gente sergipana agente diz moleque, dengoso, calunga. O samba, o que seríamos sem o samba? E o cafuné, nossa tudo isso é herança dos africanos. A roda é um costume africano e que usamos até hoje.<sup>17</sup>

Não se trata de querer encontrar culpados para o preconceito, para o racismo com os negros sergipano, apenas quero mostrar que a representação do negro sergipano deve ser reeleita, quebrando esses estereótipos de que afrodescendente é inferior. Abordar uma releitura clara e objetiva é dá um valor nunca tido para negros e todos os que supostamente nunca tiveram chance de mostrar que é capaz como qualquer outra pessoa. Por isso, o nome de Severo D´Acelino e seu trabalho desenvolvido tornam-se importante para a sociedade sergipana e a professora Aglaé Fontes reforça, com um relato da luta que Severo D´Acelino traçou para contribuir com a educação sergipana:

Severo é um lutador, eu acho que foi uma das primeiras pessoas em assumir as questões negras. Ele nunca foi uma pessoa entendida pela maioria das pessoas. Um personagem que ele defendia muito no

---

<sup>17</sup> Aglaé Fontes, entrevista concedida a Adriane Santos, Aracaju, 14 de novembro de 2013.

conselho o projeto “João Mulungu vai às escolas” ele achou que isso devia entrar no currículo da escola, e quem defendeu foi eu no conselho. Eu achava, porque tinha muitos sociólogos que analisando que não achou que João Mulungu não devia ser classificado com herói, pois não tinha tido a mesma ação de vida como um Zumbi, mas eu não estava interessada que João Mulungu fosse chamado de herói, mas que fosse estudado na cultura sergipana como uma figura importante, agente aprova, mas a educação não incorporou a ideia. [...] Eu tenho muita pena dele, porque ele não desiste dos ideais. Eu acho ele uma pessoa lutadora, comprometida com as questões dos negros. Mas não muito organizado e por isso ele perdi nas questões de caráter científico.<sup>18</sup>

O valor acrescentado por D´Acelino nessa defesa da cultura negra sergipana é e sempre será um marco na história do Estado, marcado pelas lutas vitoriosas e suas ações fracassadas, Severo D´Acelino contribuiu 100% no combate ao racismo vivido, no preconceito sentido e na discriminação de etnias encontrado dia-a-dia. Sua representação diante das questões raciais tem buscando resgatar um pouco da autoestima do ser cidadão negro. Que a diversidade do trabalho de D´Acelino provoque um incomodo em todos os setores de opinião pública, política, social, cultural, religiosa e principalmente educacional, gerando uma mudança de comportamento nos indivíduos aculturados historicamente. Há muito que fazer, Severo D´Acelino apenas começou e a continuidade desse belíssimo trabalho, agora está nas mãos dos professores, pois serão eles os que desaculturará os indivíduos vilipendiados e mostrará a maneira certa de olhar para a cultura negra e sentir-se orgulhoso em fazer parte dela.

É nessa totalidade de debates étnico-racial que analiso o ícone sergipano D´Acelino com fundador do movimento negro sergipano, contribuinte de diversas ações culturais, raciais e educacionais do afrodescendente sergipano. Considero-o em mais alto grau de importância pelas transformações provocadas na contemporaneidade através da sua releitura crítica reflexiva da história negra africanamente brasileira.

Por isso é preciso aprender a reaprender que o diferente é normal, que o feio tem sua beleza, que a cultura é a história de um povo representado suas raízes, que negro é afrodescendente, mas que afrodescendente não é inferior, porque somos um país mistificado. Pensar refletindo criticamente é necessário, é urgente.

---

<sup>18</sup> Idem.

## REFERÊNCIAS

D´ACELINO, Severo. Racismo nas Escolas e Educação em Sergipe. Aracaju: Editora MemoriAfro, 1998, p. 13-73.

\_\_\_\_Ações de Severo, Disponível em:

<https://sites.google.com/site/severodacelino/a%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em 13 set. 2013 as 10:28h.

DOMINGUES, Petrônio. Lino Guedes: de filho de ex-escravo à “elite de cor”. *Afro-Ásia*. Nº 41. 2010, p. 133-166.

\_\_\_\_Os “pérolas negras”: a participação do negro na revolução constitucionalista de 1932. *Afro- Ásia*. Nº 29/30. 2003, p. 199-245.

\_\_\_\_Movimentos negros brasileiro: alguns apontamentos históricos, 2007, p.111.

SILVA, Rosemere Fereira da. Severo D´Acelino e a produção textual afro-brasileira. *Revista África e Africanidades*- Ano I- n. 1- Maio de 2008.

## FONTES ORAIS

D´ACELINO, Severo. entrevista concedida para Adriane Santos. Aracaju, 15 de setembro 2013.

FONTES, Aglaé. entrevista concedida para Adriane Santos. Aracaju, 14 de novembro de 2013.

SOUTELO, Luiz Fernando Ribeiro. Fontes orais, entrevista concedida para Adriane Santos. Aracaju, 18 de novembro de 2013.